

FACONNECT/ A CASA TOMBADA



CÍNTIA MARIA DA SILVA MOREIRA

existir na partícula:
tentames sobre a escrita da vida cotidiana

Trabalho de Conclusão do Curso de
Pós-Graduação Lato Sensu **Gestos
da Escrita como Prática de Riscos**,
sob orientação da Profa. D^a Ângela
Castelo Branco e do Prof. Ms João
Paulo Ferreira da Silva.

São Paulo/SP

2025

*Eu sempre guardei nas palavras
os meus desconcertos.
Manoel de Barros, 2015*

aos que,
como Manoel e eu,
carregam água na peneira

resumo

o que se segue é um álbum, um inventário, uma coleção de um percurso que reúne escritas, gestos e imagens. tentativas de compartilhar pesquisas e experimentações realizadas no trajeto da pós-graduação Gestos da escrita como prática de risco e que resultaram no livreto tramela.

palavras-chave: escrita, gesto, cotidiano, memória, encantamento, miudezas.

pote de maionese (introdução)

foi da boca do escritor Marcelino Freire, que ouvi esta história, mas vou contá-la como a minha memória reteve:

contava o poeta Manoel de Barros que todos os dias se obrigava a sentar no escritório para escrever. era um ritual, ainda que não escrevesse muito. às vezes nascia um poema inteiro, noutras, apenas uma frase. nesses dias de 'apenas uma frase', ele as recortava e colocava dentro de um pote de maionese vazio. depois de um tempo, virava sobre a mesa o conteúdo do pote e reorganizava as frases, juntando o que era possível e fazendo nascer outras poesias.

fui tomada pela ideia do pote de maionese, que se configurou para mim como uma metodologia de pesquisa interessantíssima: a recolha de material, a reserva dele, e depois, colocado tudo na mesa, a reorganização a partir da construção de sentidos. foi assim que nasceu esta pesquisa. ao longo do meu tempo de estudo, no curso da pós-graduação Gestos da escrita como prática de risco. fui coletando escritas, não em um pote de maionese, mas em diferentes papéis e cadernos. anotações de falas, pensamentos, citações, bibliografias.

durante o curso também realizamos diferentes ateliês de escrita e fóruns para compartilhar algumas práticas, orientadas pelos professores de cada aula. apesar de acontecerem de forma remota, o eco das experiências alcançava o cotidiano. passei a fotografar meu quintal. sempre imbuída das reflexões dos encontros online.

li, escrevi, pesquisei, experimentei.

este álbum-inventário tem o objetivo de socializar parte deste percurso. uma pesquisa de gestos da minha escrita, pautados nas miudezas da vida, no que é ordinário, mas que se constitui como robustez cotidiana.

isso de pensar as partículas das coisas, dos atos, do existir já vinha se impregnando em mim. Marcelino Freire comumente em suas oficinas pergunta

“qual a palavra que só você tem?”. pois uma grudou em meus ouvidos e arrastou do fundo da memória imagens e histórias: tramela.

em maio de 2025 ao organizar um material para participar de uma feira literária em São Francisco Xavier, SP, decidi fazer um livreto. parece que foi num de repente, mas me atentei que estavam comigo, a tramela e meus estudos n'A Casa Tombada. escolhi a materialidade: papel kraft de gramatura 200g e papel jornal, em referência ao papel que embrulhava o pão na infância passada na casa de meus avós maternos. quis um formato estreito. inclinei-me sobre os escritos. puxei alguns fios. decidi trazer um bordado. abrir umas janelas. desejei delicadezas. memórias. encantamento. também escolhi o humor. resolvi colocar alguns desenhos meus. variar as manchas textuais e os gêneros. brinquei com as inscrições de um livro publicado formalmente: editora, ano etc. foram trinta cópias artesanais, feitas uma a uma. dedo espetado pela agulha. grampo fora do lugar. folha se desprendendo. as agruras das manualidades.

Na intensidade da feitura, fui surpreendida pela alegria das mãos em função, como diria o contador de histórias Francisco Gregório

Vovó queria mesmo era os netos por perto para conversar, contar histórias e nos ensinar a botar as mãos em função. Insistia muito na importância de realizarmos coisas com as mãos. Para ela isso era muito importante, e mais importante ainda era valorizar as narrativas com o uso das mãos. (Silva Filho, 2022, p.96)

artesanias do cotidiano que inscrevem narrativas no corpo e na memória. enquanto preparava meu livreto um pensamento me atravessou: este é meu trabalho de conclusão de curso! meu gesto de escrita. minha materialidade.

no entanto, sendo um trabalho acadêmico era preciso chegar até o leitor não apenas a apreciação do livreto, mas os trajetos deste percurso. por isso, ao final, abri meu pote de maionese. coloquei tudo na mesa e reorganizei imagens, registros, observações, escritas. selecionei alguns recortes. vinculei as imagens, não de acordo com o período de coleta, mas conforme os sentidos que encontrava em mim nesta reorganização, para contar essa história.

este álbum-inventário é também uma cartografia que apresenta caminhos da gestação até o nascimento do Tramela, não necessariamente em ordem cronológica. traz também alguns dos olhos e mãos que me guiaram, especialmente de Ângela Castelo Branco e João Paulo Ferreira da Silva professora e professor, ambos coordenadores do curso.

essas partes derramadas do meu pote de maionese, órgãos, membros, veias, sangue, pele, ossos, carne, sustentam um livreto mirrado, mas com uma alma sem medida.



nada é só meu, a não ser dentro de mim. escrevo então onde dá, onde posso, quando as palavras transbordam e precisam encontrar um lugar na tela ou no papel. palavras complexas nunca me encontram. eu não posso compreendê-las. elas não saberiam dizer sobre mim. as minhas palavras são simples, trabalhadeiras, prazenteiras ou melancólicas. às vezes se aproximam lentamente, exigindo paciência para que se acomodem. vou acolhendo a chegada cuidadosamente. noutras vezes chegam pulando umas sobre as outras, empurrando, rasgando. então risco o papel, reescrevo, mudo as frases de lugar até que finalmente elas se acalmem e digam o que vieram dizer. eu queria escrever para o mundo, para a outra, o outro, entretanto, é para mim que escrevo, porque parece que de outra forma não existo.

Ateliê lugar de escrita
segunda-feira, 18 mar. 2024, 18:19



A colonização (pensamos a colonização como fenômeno de longa duração, que está até hoje aí lançando seus venenos), gera “sobras viventes”, seres descartáveis, que não se enquadram na lógica hipermercantilizada e normativa do sistema, onde o consumo e a escassez atuam como irmãos siameses; um depende do outro. Algumas “sobras viventes” conseguem virar sobreviventes. Outras, nem isso. Os sobreviventes podem virar “supraviventes”: aqueles capazes de driblar a condição de exclusão, deixar de ser apenas reativos ao outro e ir além, armando a vida como uma política de construção de conexões entre ser e mundo, humano e natureza, corporeidade e espiritualidade, ancestralidade e futuro, temporalidade e permanência. Uma disputa operada apenas no campo da política e da economia pode gerar ganhos efetivos, é claro. Mas o salto crucial entre a sobrevivência e a supravivência demanda um conjunto de estratégias e táticas para que saibamos atuar nas batalhas árduas e constantes da guerra pelo encantamento do mundo. A vida, afinal, é aquilo que praticamos cotidianamente e está em constante ameaça, a partir do veneno da serpente que, uma vez inoculado, espalha a mortandade, descredibilizando o ser e os seus saberes



encantamento

“...o contrário da vida não é a morte, o contrário da vida é o desencanto.” esta afirmativa de Simas e Rufino alimenta em mim a esperança de um mundo mais justo, pois aponta um caminho de resistência. escrever a partir da memória e da vida vivida cotidianamente é, pois, meu exercício de reencantamento do mundo. de enfrentamento das políticas de morte que ainda correm descaradamente pelas ruas, praças, casas e telas. de não aceitar os determinismos impostos por limitações sociais e econômicas. minha forma de reafirmar o que disse a atriz Fernanda Torres “a vida presta!”.



belezas

foi em um vídeo institucional do instituto brincante que ouvi a artista e educadora Rosane Almeida dizer que o enfrentamento da extrema violência sofrida por diferentes povos em terras brasileiras, a busca pela dignidade, a troca de memórias e o desejo de produzir belezas é que se transformaram neste grande e delicioso caldo da cultura popular. É uma forma de olhar para a vida corriqueira com suas delicadezas e agruras e agarrar-se às possibilidades de atravessamentos.

Bartolomeu Campos de Queirós disse que a “beleza é tudo aquilo que a gente não dá conta de ver sozinho”.



a escrita é o encontro com a minha capacidade de
produção de belezas. eu me dei conta de que é pra isso que eu escrevo. é onde
eu encontro, dentro de mim, a minha capacidade de produzir algum tipo de
beleza, às vezes dói, às vezes esvazia a dor...

(transcrição do meu relato durante a aula de 31/8/2024, colhido
pelo prof. e coordenador do curso João Paulo Ferreira Silva)

Mesma semana
Outro dia
outra mesa
outra cidade.
Novamente estou só
entre outros conhecidos
estou, só.
Em mim
salta a experiência
do abandono
do medo
do vazio.
Sentimento costumeiro,
desejo vivo
de ser bem-querida
No entanto
observo o movimento da vida
que me coloca só.
e num gesto percepo sozinho,
não solitário
estou
sozinha em minha companhia

para destrutur meu ser
perceptivo

para exercitar a escutadora
que há em mim.

O pensamento é acompanhado
de um sorriso,
de um calor
que escorre por dentro
enquanto escrevo
enquanto ouço
enquanto vejo.

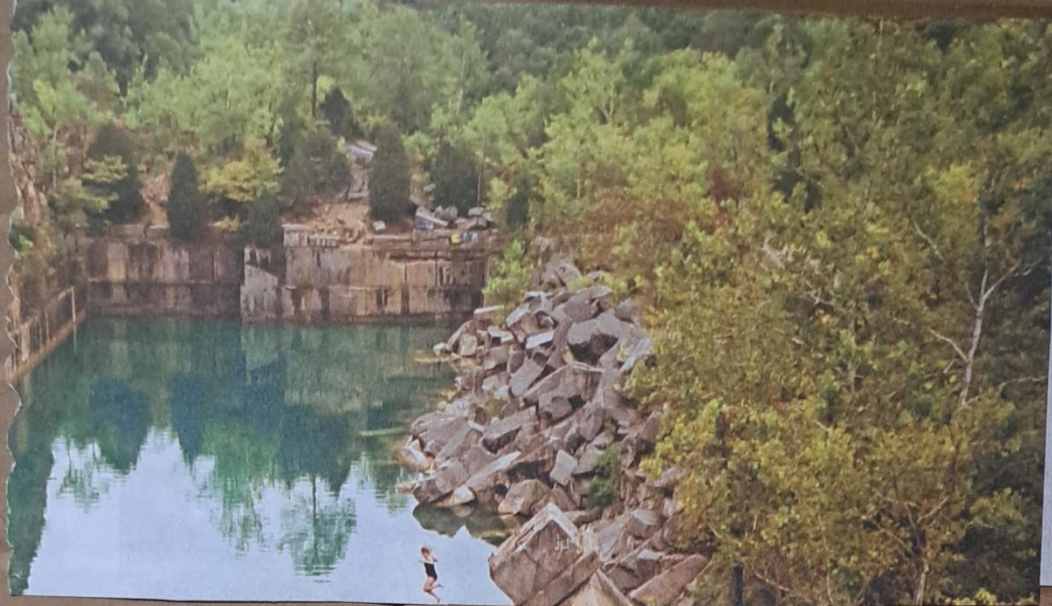
Neste instante
sinto-me nascida novamente
e no parto, onde sou ao
mesmo tempo
parideira e criança
respiro
me abraço
e deito a caneta sobre o

papel.
Guaratinguetá 04/6 13h37

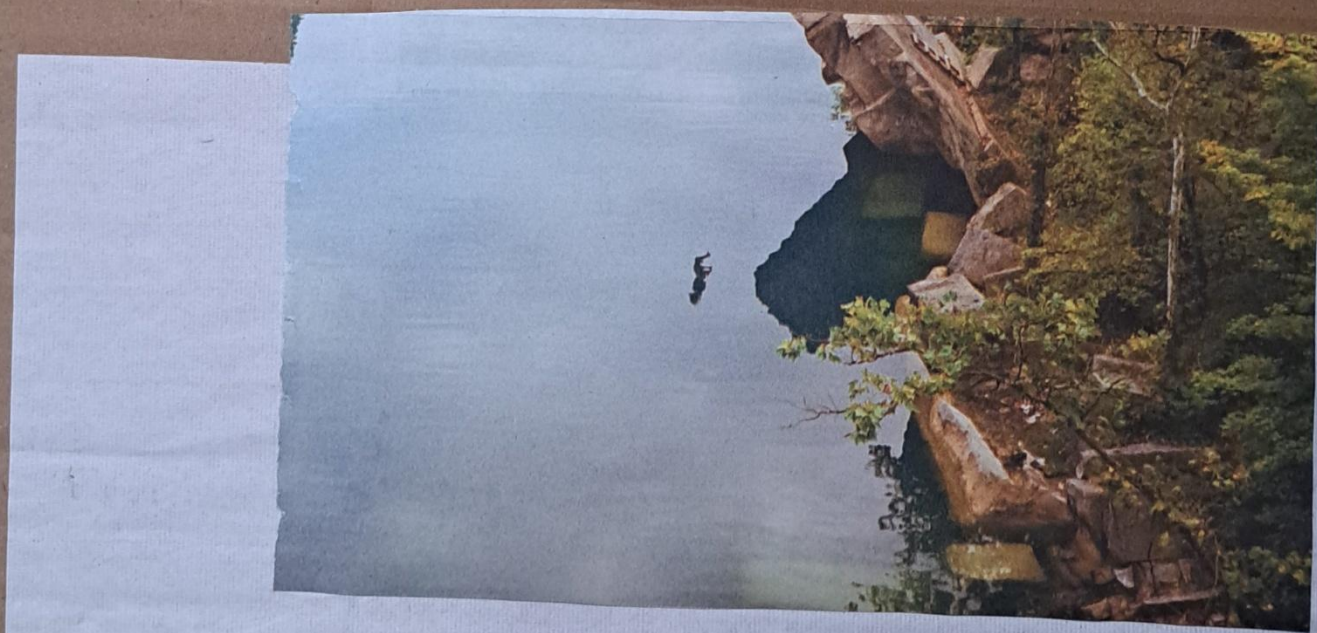
escrita

em torno de nós, tudo escreve (...)

Duras 2022, p.55

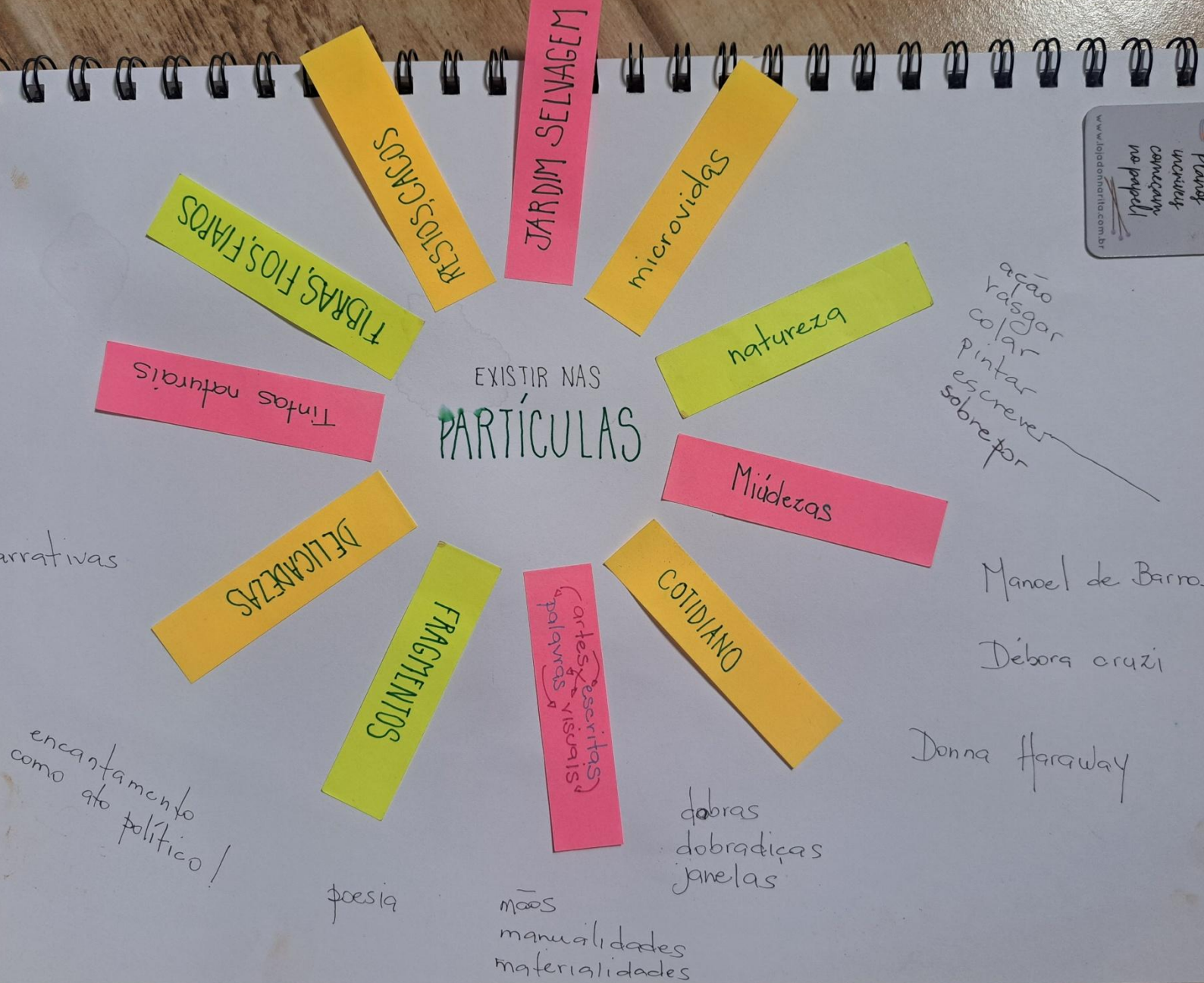


CUIDADO FRÁGIL



ateliê 12/8/2024 com Edith Derdyk, artista visual, escritora, ilustradora, professora.

a partir da provocação: “como as palavras nascem das imagens e as imagens nascem das palavras”, fomos convidados a escrever sem palavras e buscando



cartografia da escrita para o trabalho de conclusão de curso.

exercício pessoal de olhar para meus interesses e referências.



partículas

há um comportamento de eternidade nos caramujos. para subir
os barrancos de um rio, eles percorrem um dia inteiro até
chegar amanhã.
o próprio anoitecer faz parte de haver beleza nos caramujos.
eles carregam com paciência o início do mundo.
no geral os caramujos têm uma voz desconformada por dentro.
talvez porque tenham a boca trôpega.
suas verdades podem não ser.
desde quando a infância nos praticava na beira do rio
nunca mais deixei de saber que esses pequenos moluscos
ajudam as árvores a crescerem.
e achei que esta história só caberia no impossível.
mas não; ela cabe aqui também.

Manoel de Barros, 2016

lenta como um caramujo, deslizando em leituras, escritas, nos encontros da A Casa Tombada, nesta voz desconformada que também carrego, fui observando meu afeto pelas miudezas. foi Ângela Castelo Branco, professora e coordenadora do curso, quem me disse que meu olhar se demorava nas partículas. no miúdo. nos fragmentos. só então olhei para o trajeto que vinha traçando e coloquei o reparo necessário: eu me perco e me encontro nas pequenas coisas do cotidiano e me surpreendo com constância.





Imagem: exercício pessoal de olhar para as miudezas

Coisas pequenas,

Podem ser banais
porque aos olhos de cada um,
subitamente, as coisas mudam
e nos espantam,
nesse fragmento temporal
nos reconciliamos com o que existe.
(Carrer, 2023)

Momentos

Enquanto eu fiquei alegre, permaneceram
um bule azul com um descascado no bico,
uma garrafa de pimenta pelo meio,
um latido e um céu limpidíssimo
com recém-feitas estrelas.
Resistiram nos seus lugares, em seus ofícios,
constituindo o mundo pra mim, anteparo
para o que foi um acometimento:
súbito é bom ter um corpo pra rir
e sacudir a cabeça. A vida é mais tempo
alegre do que triste. Melhor é ser.
(Adélia Prado, 2008)



Imagem: exercício pessoal de olhar para as miudezas

a vida é o que acontece no entremeio de grandes eventos: nascer. acordar. comer. tomar banho. encontrar. desencontrar. polir. sujar. florir. invernar. doer. chorar. sorrir. curar. andar. dizer. calar. morrer.

a vida brotoeja na superfície do chão. não entra nos livros de história. não figura nos palanques. não se ocupa do relógio. não exige diplomas.

é modinha. cantiga de roda. espinho na mão. corte no pé. suspiro. sorriso. lágrima.

a vida acontece sem aviso.



gestos

No fundo estamos constantemente a transformar palavras em movimentos, a traçar, traduzir uma linguagem noutra, sempre, ininterruptamente, nos dois sentidos.
Tavares, 2021, p. 471-472

Os conceitos são *organizações verbais*, arrumações verbais; os conceitos são palavras que arrumam outras palavras, palavras arrumadoras; necessárias num determinado período, mas que podem a seguir tornar-se e até rapidamente, obstáculos. Bachelard vai ao limite e escreve: “para cada conceito há uma gaveta no móvel das categorias. O conceito é um pensamento morto, já que é, por definição, pensamento classificado.

(Tavares, 2021, p. 25)

a primeira palavra que aprendi a escrever foi mamãe e guardo no corpo a memória da alegria deste primeiro registro, feito em papel sulfite, num chão de granito da pré-escola. eu ainda demoraria para compreender que a memória do corpo é gesto. isto porque, minha alfabetização e introdução à língua portuguesa foi feita a partir de conceitos-gavetas, que não poderiam ser misturados, retirados, acrescentados. a língua para mim sempre foi viva, na boca e no papel, mas elas divergiam. cada qual em seu devido lugar. foram anos aprendendo o que não fazer. tudo tão grafado em meu corpo que não percebia que eu buscava novos caminhos de experimentação e de criação. os estudos na casa tombada me ajudaram a reconhecer gestos que já estavam lá. e ir em busca de outros tantos. fui descobrindo que nada precisaria ser tão rígido. dispensado. ou incluído definitivamente...



minúscula

estes tentames foram escritos com letras minúsculas. foi preciso recusar um pouco de ortografia para que o gesto acompanhasse as palavras. essa escrita nasce de exercícios contemplativos e empíricos do cotidiano. nas frestas, buracos, terrenos, nas xícaras de chá, nos suspiros, respiros, ocos e sufocos encontro a matéria viva da minha escrita. no banal, corriqueiro, desimportante. e nisso, não cabem letras maiúsculas (mantidas apenas nos nomes das pessoas convidadas a me ajudarem a dizer e, claro, suas citações, conforme a escreveram).



reticências

na escrita acadêmica, volta e meia minhas reticências eram retiradas. não use diziam, isso demonstra incerteza, insegurança. não fica bem. eu as retirava. retirei tanto que ficaram escassas. naquele tempo, eu não sabia que elas, em mim, também eram gestos. propositais. importantes para o que eu desejava dizer. tradução no papel e na tela de um suspiro, uma pausa prolongada, um pensamento que se demorou. eu, que não percebia os meus gestos, passei a compreender que minha escrita comporta reticências.

(...) os pés apontando para diferentes direções.
a água.
a terra.

o som da chuva embalando a imagem...

4 de novembro de 2024



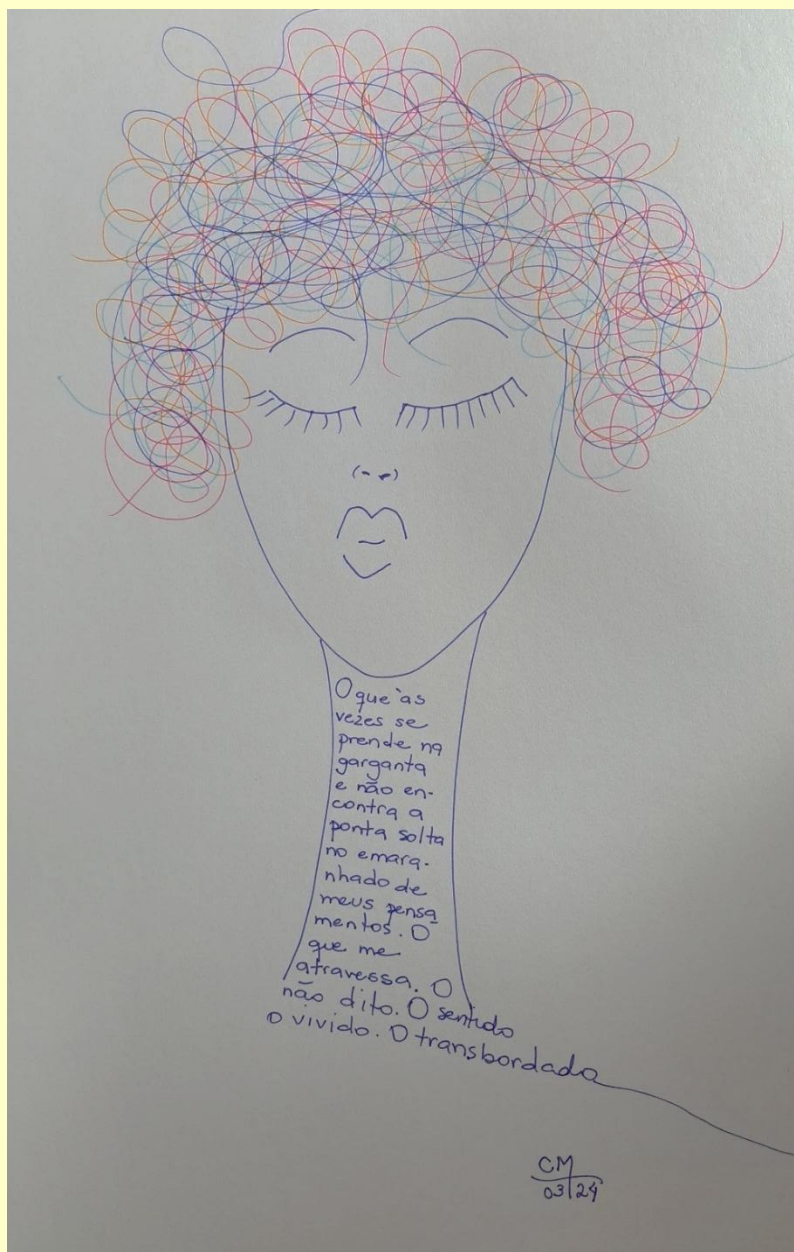
Imagem: exercício pessoal de escrita e materialidade.

manchas

é preciso assuntar sobre a forma como um texto se derrama sobre uma superfície. ela não é incólume. carrega informações. sutilezas. regras rígidas. apegos. necessidade de respiros. espaços. ou tantas outras possibilidades. antes de ler um texto, é importante ler sua mancha. certamente teremos pistas sobre ele...

imagens

todas as imagens deste trabalho são minhas (exceto as fotografias antigas), intertextos, que dialogam com minhas palavras ou se entrelaçaram a elas. foi na A Casa Tombada que percebi que as imagens em mim são outros gestos. seja por meio de fotos, desenho, colagens, rabiscos, texturas, cores.



ateliê de escrita – qual seu risco de escrita?



dançar a noite

em 06/5/2024, na aula “o direito à opacidade”, com o escritor e poeta, André Gravatá, lemos o poema “conversa com a pedra” de Szymborska Wisława, fomos convidadas e convidados a escolher um objeto e em três minutos, estabelecer uma conversa sem palavras.

Senti um impulso de ir ao quintal e dançar a noite. não com ela, mas ela própria. e ali, naquele gesto livre, de juízo avariado, decidi não enfrentar meus medos. nem fugir deles, mas chamá-los para dançar...



Jose Romão da Silva - 2.º filio 1918
 Paulo Gonçalves de Almeida
 nascido 19 outubro de 1883
 faleceu 26 de outubro de 1953
 filho
 Pais: Antonio Gonçalves Torres nº 1854
 Maria Felicia de Jesus
 nasceu em 1905
 2.ª mulher: Maria Pereira de Castro
 faleceu em 22.5 1948

28.2.2010: Domingo
 A muito anos, quando
 eram criança, tínhamos
 muita vontade de ver, o Sr.
 Tirino fizes cavalos, fizes
 levou no para ver fizes, o
 cavalo dele, o Sr. Tirino fizes
 o cavalo da região, do meu
 avô, inclusive do Sr. meu
 pai. Foi inclusive na portaria
 para ver, a mala a unificação



Prazer
 consigo
 de ser
 com muita
 de seu pai
 José Roberto



memórias



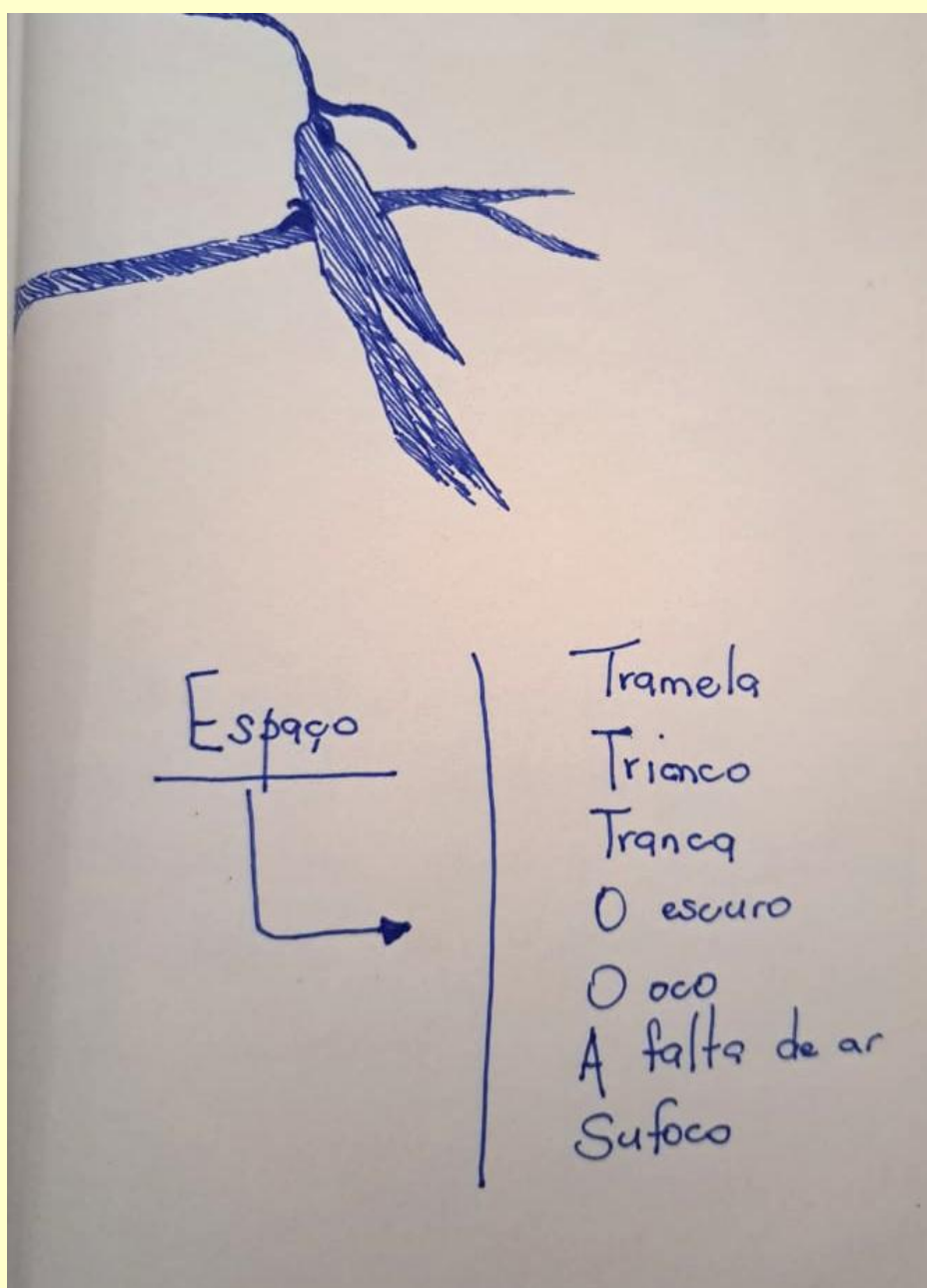
Imagem da oficina ministrada por mim em área rural de São José dos Campos/SP: memórias de um lugar – recolha de materialidades da comunidade.

No fórum: o livro por vir recebemos a seguinte provocação: “O livro por vir não pára de acontecer. Mantém seu começo sempre prosseguindo, nota entre nota, nota após nota, nota pedindo nota. Conte-nos como você imaginou este livro por vir. Seu corpo, sua matéria, seu cheiro, sua visualidade.”

e o que reverberou em mim não foi o livro em si, mas o que movimenta minha escrita, minhas memórias, minha vida experimentada, ralada no corpo

Cíntia Moreira - São José dos Campos, Vale do Paraíba/SP :

Minha escrita nasce do movimento do meu corpo pequeno riscando o ar. Os pés para o alto, a cabeça para trás, as mãos agarradas à cordas. Das gravuras brincantes traçadas no chão pelo graveto seco do flamboyant. Do cheiro e da cor da Mantiqueira que se estampa em meu passado, presente e quiçá do meu futuro. De sangue e tinta rala, que às vezes seca, empapa ou escorre...



ateliê de escrita Escritura Enigma: o ilegível, a letra em 22/4/2024

Lúcia Castello Branco, escritora, psicanalista, professora, no ateliê Escritura Enigma, nos convidou, para a leitura do texto O mistério das letras de Blanchot e em seguida para uma escrita mínima, uma experiência poemática, a partir da escolha de uma palavra que causasse um enigma para cada pessoa. e aqui minha palavra-enigma ressurgiu: tramela.



Tramela

no percurso de estudos desta pós-graduação investigamos várias possibilidades de gestos e materialidades da escrita. riscos. rabiscos, colagens, desenhos. Modelagens. letras. palavras. imagens. corpo. dobras. ocos. frestas. torções. linhas. papéis. tintas. lápis. canetas. barros. fios. tecidos.

a cada experimentação surgiam indagações. descobertas. silêncios. pensamentos. confluências. tumultos.

caminho percorrido de mãos dadas com os colegas de turma. escritores. artistas. pesquisadores. professores. com Ângela e João.

aos poucos foi se desvelando meu desejo por uma escrita do cotidiano, das memórias, do minúsculo. do pouco que é muito. da abertura.

de transformar a doçura em ato político de resistência.

percebi meu gosto pela mancha da escrita. pelas reticências. pela intertextualidade entre palavras e imagens, por aberturas, fios. dobras.

e na trajetória ressurgiu a palavra tramela (que me acompanhava de uma oficina com Marcelino Freire) e todos os seus sentidos e memórias em mim.

foi esta palavra quem organizou todos esses desejos, num trabalho artesanal. debruçada em cada exemplar. impressos em papel jornal, que trazem a memória do papel de pão. cada escolha proposital. sentida. desejada.



para folhear o tramela

<https://online.fliphtml5.com/bmfccq/inqq/>



ecologias e artesanias de si

após uma série de aulas-encontros, oficinas, ateliês, experimentações, diálogos, a turma foi dividida nos chamados grupos germinativos, cuja proposta era a da troca, ou como Ângela e João chamaram da “orientação coletiva”. isto quer dizer que, além das orientações oferecidas por ambos, tínhamos a possibilidade de ler, ouvir e dialogar em grupo sobre nossas fragilidades. sobre nosso desejo de escrita. sobre o que nos aproximava e nos diferenciava. foram momentos de apoio mútuo. de leituras de textos e de vida que me ancoraram para a organização deste inventário. Gabriela, Missandra, Nahara, Renata, Victória, minhas companheiras virtuais de artesanias. de sonhos coletivos. de dúvidas insistentes. de conversas tremeluzentes. este percurso tem partículas de vocês...



dialogaram com essas escritas

BARROS, Manoel de **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

BARROS, Manoel de. **Menino do Mato**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BLANCHOT, Maurice. **O mistério das letras**. In: A parte do fogo. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

CARRER, Chiara. **Pequenos gestos: objetos amados queridos abandonados extraviados esquecidos**. Trad. Lenice Bueno. São Paulo: Ameli Editora, 2023.

CRUSY, Débora. **Afeto**. Caderno artesanal (experiência afetiva através da encadernação). [manuscrito bxd](#) Japeri, RJ, 2024.

DURAS, Marguerite. **Escrever**. Luciene Guimarães de Oliveira. Belo Horizonte: Relicário, 2022 1ª reimpressão.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. Ed. revisada. 27ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVA FILHO, Francisco Gregório da. **Travessia: memorial de um contador de histórias**. São Paulo: Semente Editoria, 2022.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

TAVARES. Gonçalo M. **Atlas do corpo e da imaginação: teoria, fragmentos e imagens**. Imagens Os Especialistas. Porto Alegre: Dublinense, 2021.

SZYMBORSKA Wisława. **Poemas**. Seleção, tradução e prefácio de Regina Przybycien. São paulo: Companhia das Letras, 2011.

